



Viagem aos sertões de Tibagi sem sair do Solar de Mateus

João Carlos Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

jgarcia@letras.up.pt

Como citar este artigo:

Garcia, J. (2017). Viagem aos sertões de Tibagi sem sair do solar de Mateus. *Revista de Educação Geográfica |UP*, n.º.1, p.125-127. Universidade do Porto

ISSN

2184-0091

DOI

<https://doi.org/10.21747/GeTup/1a11>

Secção: Sair

Nem o tempo nem a distância. Correspondência entre o 4º Morgado de Mateus e sua mulher, D. Leonor de Portugal, 1757-1798 (Lisboa, Alêtheia Editores, 2007), é uma notável coletânea epistolográfica coordenada por Heloísa Liberalli Bellotto, que contextualizou, transcreveu e anotou 219 cartas trocadas entre D. Leonor Ana Luísa de Portugal Sousa Coutinho (1722-1806) e seu marido, D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (1722-1798). Nestas se retrata o Portugal da segunda metade do século XVIII, através da vivência de uma família aristocrata de Trás-os-Montes, que gere o seu património a partir do Solar de Mateus, perto de Vila Real, mas que possui importantes ligações à Corte, em Lisboa, e ao Império Colonial, no Brasil.



Figura 1 - 4º Morgado de Mateus

Em carta datada de 19 de Maio de 1773, D. Leonor comenta a D. Luís, então Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo, os mapas que

este lhe enviara, sobre os “descobrimentos” dos sertões de Tibagi, no interior do atual Estado do Paraná: “Passou por aqui a irmã dos Marqueses de Fronteira, hospedei-a à grandeza, e trabalho sem cozinheiro, foi muito agradada. Tem muita razão de querer pôr essas pinturas desses descobrimentos, que servem de memória e de estímulo para os filhos; o Tibagi com esses picos há-de ter que ver, o registo do Iguau precipitando-se e logo subindo é coisa muito grande, acho muita graça e razão no rio

de Dom Luís correndo ameno por entre campos e assombrado das laranjeiras, com os macacos brancos há-de ser coisa muito galante; Gatemi frutuoso não será pior, eu os vira a todos, mas longe das artilharias, que só de lê-lo me assusta quanto mais ouvi-la, a nova povoação dos prazeres só lhe falta o Santíssimo. De tudo que me diz quisera dar resposta, mas chega o Almocreve com o azeite e não quero retarda-lo, não me diga que escrevo pouco porque é pregar no deserto...”

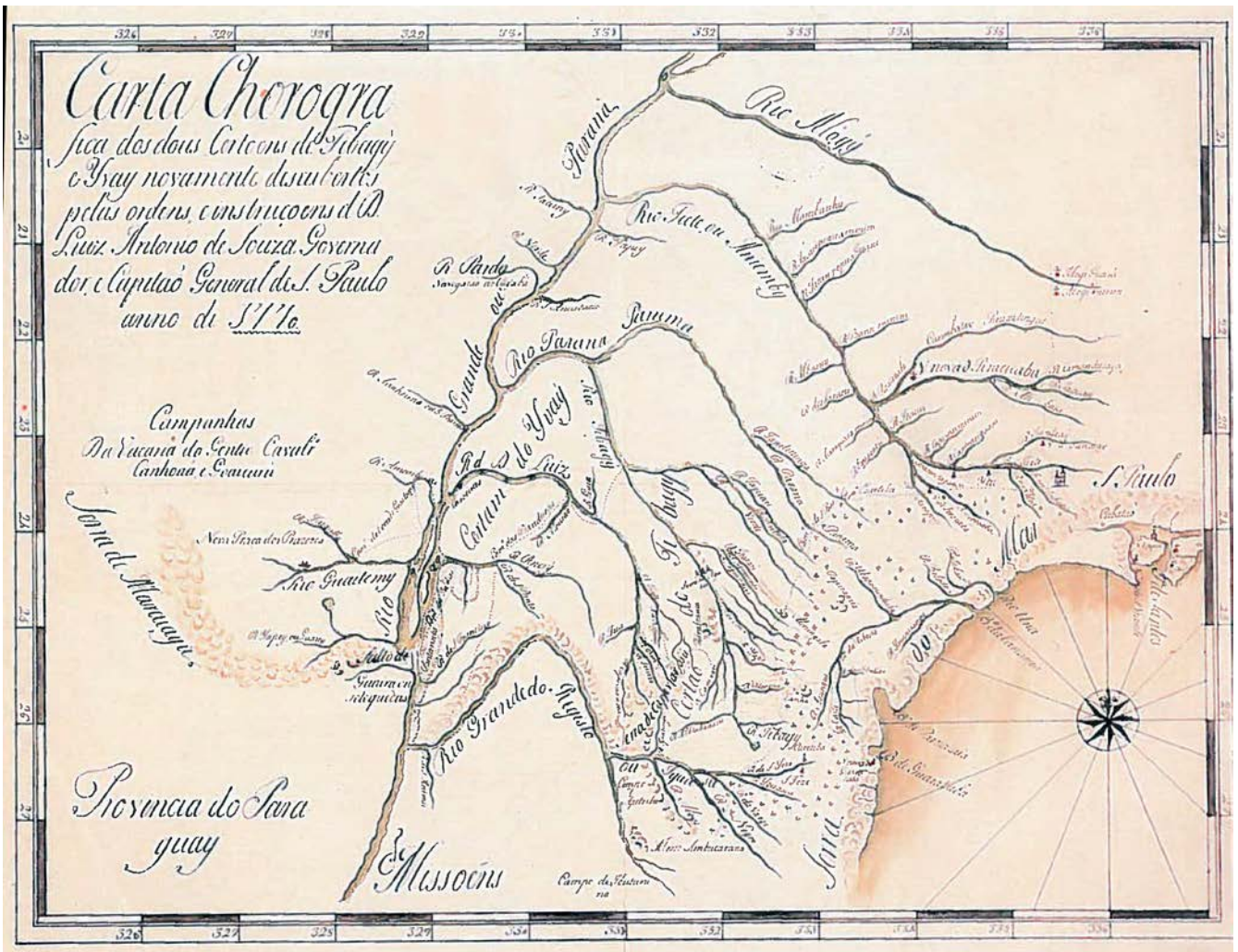


Figura 2 - Carta Corográfica dos dois sertões de Tibagi e Ivaí, ca. 1770

Entre a visita da amiga e receber o azeite que lhe trás o almocreve, D. Leonor imagina esses espaços brasileiros através das narrativas epistolares e, sobretudo, dos mapas. São essas “pinturas” que descrevem e enaltecem os “descobrimentos” dos inóspitos territórios de São Paulo, do Paraná e do Mato Grosso, ordenados por D. Luís, que chegam à

Casa de Mateus, nos verdejantes arredores de Vila Real, no norte de Portugal. D. Leonor está consciente que por eles se conservará a memória dos feitos heroicos, recordando aos herdeiros da Casa o exemplo a seguir. As “pinturas” são os retratos dos territórios que, como o do próprio Morgado de Mateus, se transformam em monumentos ao homem e à sua obra.

Como cópia do natural, a leitora busca neles as características dos lugares: a dimensão das áreas, o acidentado da topografia, a configuração rede hidrográfica, a diversidade da fauna e os aspetos da cobertura vegetal. No próprio espaço foi inscrito o herói e os seus locais de origem. O rio de Dom Luís corre “ameno por entre os campos e assombrado das laranjeiras”. O Ivaí, o extenso e caudaloso afluente do Paraná, imagina-o D. Leonor como um ribeiro das suas terras de Mateus. Nessa paisagem bucólica o único pormenor exótico são os macacos brancos mas, no conjunto “há-de ser coisa muito galante”. O adjectivo “galante” é o que a correspondente habitualmente utiliza nas cartas ao marido para descrever as suas filhas. Também essas paisagens são como filhas de D. Luís.

Mas há mais de Mateus nesses novos territórios, como a “nova povoação dos Prazeres”, nas margens do Iguatemi, criada pelo governador, que apenas falta cristianizar. O topónimo explica-se

pela existência da imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira da capela da Casa de Mateus, de quem o casal era muito devoto. Protegendo a família no Reino protegeria também os novos espaços brasileiros.

A leitura não poderia ser mais edílica e, por tal razão, se quer D. Leonor esquecer da campanha militar que sabe ter ocorrido: “só lê-lo me assusta quanto mais ouvi-la”. Mas como ocorreu nos campos de Guarapuava, a ação do governador foi apenas “ter metido de paz a Nação do gentio”. Sabemos hoje das proporções da destruição e da crueldade dessas campanhas colonizadoras mas a estes mapas dos territórios descobertos apenas chegam os ecos da população que os habita e da organização dos seus espaços, através da toponímia autóctone e de uma ou outra informação pontual, que a colonização, progressivamente, tentará apagar.

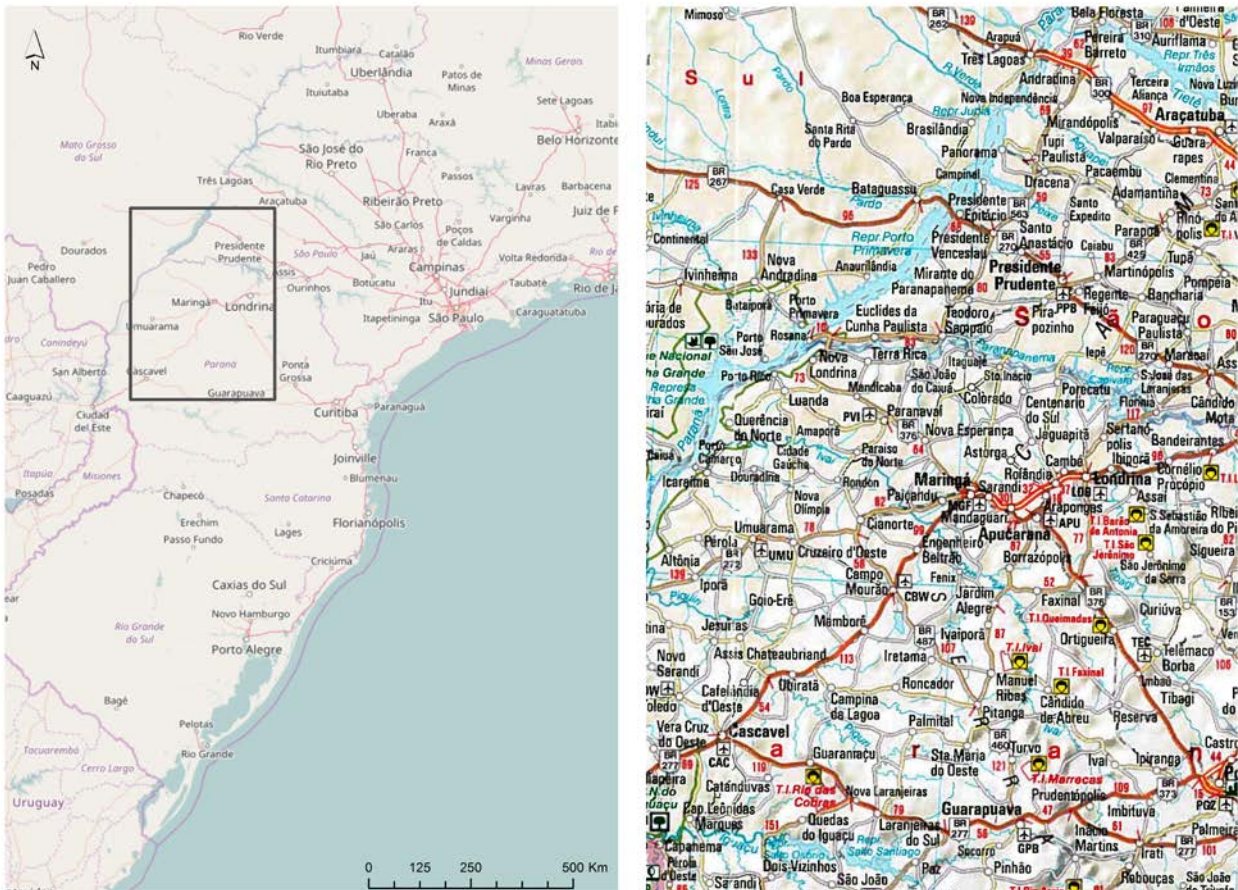


Figura 3 - Bacia hidrográfica do rio Ivaí, no quadro do Paraná ocidental.